

**CEDI**

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Revista Visão

Class.: 683

Data: 16.01.91

Pg.: \_\_\_\_\_



## Por que morrem os índios

**E**stá nos jornais: mais de 20 índios se suicidaram em 1990, 42 no ano anterior, e mais de 40 tentaram o suicídio — na imensa maioria, jovens e adolescentes — numa reserva em que vivem guaranis, terenas e caiuás, em Dourados, Mato Grosso do Sul. Ali se concentram cerca de sete mil pessoas, numa área de aproximadamente três mil hectares — o que quer dizer menos de meio hectare por índio. E a dois quilômetros de um centro urbano onde vivem já mais de 100 mil pessoas, por causa do *boom* do

trigo e da soja na antiga colônia agrícola da era Vargas.

Não é difícil entender. Nem mesmo inédito é: há uns poucos anos, a Austrália enfrentou idêntica situação — em seguida à fase do alcoolismo agudo, os indígenas em processo acelerado de aculturação passaram a suicidar-se. É preciso lembrar, para situar corretamente a questão, que, na quase totalidade dos grupos indígenas, as pessoas são educadas para a auto-suficiência, para bastar-se a si mesmas, não depender de ninguém. Um índio sabe fazer tudo aquilo de que precisa para viver: sabe fazer sua casa, plantar sua roça, fazer sua canoa, sua rede, sua esteira, arco e flecha, objetos de adorno, sabe caçar e pescar, identifica plantas e frutos úteis, sabe defender-se. É uma cultura da autonomia, da auto-suficiência, da independência. Do individualismo extremado que, ao mesmo tempo, se insere numa democracia do consenso, onde não se delegam poderes a ninguém. Esses seres autônomos, entretanto, não têm mais o direito de escolher com que outras culturas vão ou não conviver.

A cultura branca chega, através do fazendeiro, do garimpeiro, do madeireiro, dos representantes de governos e missões religiosas. E chega com toda uma parafernália tecnológica, que fascina o índio — tal como nos fascina, neles, o que não temos (a natureza preservada, a integridade cultural, a coesão social etc.). É claro que a panela de alumínio, o machado de ferro, o cobertor, os fósforos e tudo o que produzimos encanta os índios. É muito mais cômodo transportar água numa panela leve de alumínio que num panelão de barro pesadíssimo; poupa muito trabalho derrubar árvores com o machado de ferro, e não com o machado de pedra; custa menos esforço acender o fogo com um palito de fósforos, sem precisar friccionar dois

pauzinhos; é muito mais confortável abrigar-se sob um cobertor do que acordar muitas vezes durante a noite para atizar a fogueirinha debaixo da rede. Mas acontece que cada uma dessas novidades tecnológicas introduz uma dependência na vida do índio — porque ele não sabe nem tem como fabricar painéis de alumínio, machados de ferro, cobertores ou caixas de fósforos. E não dispõe de elementos de troca. Em sua cultura, enquanto isolada, sequer circula dinheiro. E mesmo depois, no processo de aculturação, nossa

civilização atribui valores ínfimos a seus possíveis produtos de troca. Um índio pode passar dias para produzir um belo pente de madeira, mas não conseguirá comprar com ele mais que umas poucas quinilhariças da nossa produção. Consumirá semanas para tecer uma rede, que valerá menos que um tênis de má qualidade. Gastará muito tempo e esforço para concluir sua cerâmica, que pouco renderá. Quando o fascínio da tecnologia alheia vai fundo, o índio não resiste à tentação de migrar. Para tornar-se, na cultura estranha, onde lhe faltam qualificação profissional e informações, mendigo, alcoólatra, bóia-fria, louco. Ou um pouco de cada situação, ao longo do tempo e da escala de degradação.

Não é difícil, assim, entender que o que acontece quando se juntam numa área pequena sete mil indivíduos, sem espaço suficiente para suas lavouras, sem possibilidade de caçar e pescar, impedidos de exercer na prática a sua cultura milenar. E sabendo o que os espera, quase todos, se tentarem saltar o fosso para viver na outra cultura, dois quilômetros além. Que fazer? Antropólogos e indigenistas cansaram-se de dizer que a única possibilidade estaria na demarcação dos territórios indígenas, em sua extensão originária, para que, invioláveis, permitissem a essas culturas exercitarem-se em sua plenitude. Fora de seu território, o índio seria um cidadão como qualquer outro. É a tese das micronações, repudiada na Constituinte sob a esdrúxula alegação de ofensa à soberania nacional. Como nada se coloca no lugar, sobrevêm situações como essa de Dourados. Que fazem lembrar o pensamento de Ailton Krenak, o brilhante coordenador da União das Nações Indígenas: se não houver lugar para o índio em nosso planeta, não haverá lugar para ninguém; porque estarão mortas muitas possibilidades sem as quais se inviabiliza a própria vida.